



(aprendendo)

Direitos Humanos com Boletins do Fórum Intersindical

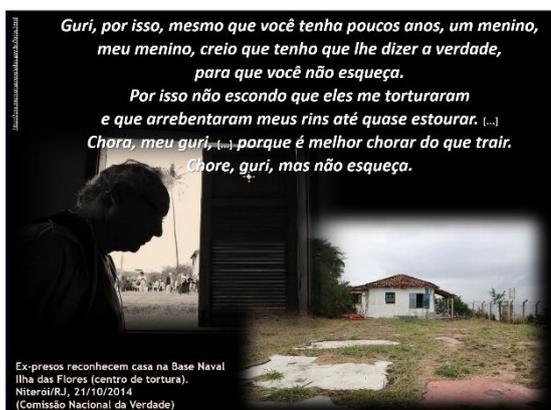
[Boletim Informativo nº 52, dezembro 2019,
Saúde do Trabalhador é arte]

Mario Benedetti



Homem preso que olha seu filho*

Quando eu era como você, os velhos me ensinaram e também as professoras bondosas e míopes que liberdade ou morte era uma extravagância, num país onde os presidentes andavam sem laçaios. Sem capangas. Que a pátria ou a sepultura era outro exagero porque a pátria funcionava bem nos campos de futebol e nos campos agrícolas. Realmente, meu guri, os pobres não ouviam a buzina em seus ouvidos. Acreditavam que a liberdade era apenas uma palavra desafiadora e sem sentido, que a morte era inevitável e a prisão uma palavra exótica. Esqueciam de valorizar o homem. Não era exatamente culpa deles, homens simples, mas dos homens brutos e sinistros. Esses sim, que nos picavam com a mosca da república verbal, idealizada no curral das vacas dos latifundiários, compradores de um exército que bebia em seus quartéis o chá produzido pelos pobres. Nem sempre a gente faz o que quer, por isso estou aqui olhando p'ra você sem poder brincar, despentear seus cabelos, ajudar você na prova dos nove, jogar bola. Você sabe que eu tive que escolher outros jogos e que eu os levei a sério. E eu joguei contra ladrões, por exemplo, e os ladrões eram policiais. E eu brinquei de esconde-esconde com eles pois se descobrissem você lhe matariam. Por isso joguei um jogo que sangra. Guri, por isso, mesmo que você tenha poucos anos, um menino, meu menino, creio que tenho que lhe dizer a verdade, para que você não esqueça.



Guri, por isso, mesmo que você tenha poucos anos, um menino, meu menino, creio que tenho que lhe dizer a verdade, para que você não esqueça.
Por isso não escondo que eles me torturaram e que arrebentaram meus rins até quase estourar. (...) Chora, meu guri, porque é melhor chorar do que trair. Chore, guri, mas não esqueça.

Ex-presos reconhecem casa na Base Naval Ilha das Flores (centro de tortura). Niterói/RJ, 21/10/2014 (Comissão Nacional da Verdade)

esqueça. Por isso não escondo que eles me torturaram e que arrebentaram meus rins até quase estourar. Todas essas marcas, esses inchaços, essas feridas, que seus olhos redondos olham hipnotizados, são golpes muito duros, duríssimos golpes. São marcas de botas na cara que causam muita dor para esconder de você, meu guri. São marcas de muito suplício para serem apagadas. E é bom que você saiba que seu velho ficou calado e gritou como um louco que é a melhor forma de calar. Que seu pai esqueceu todos os números de telefone (por isso eu não posso ajudá-lo nos exercícios de matemática). Que seu velho esqueceu os nomes de todas as ruas e todas as cores de todos os olhos e os cabelos e as cicatrizes e em que esquina em que bar em que ponto em que casa. Porque lembrar de sua carinha me ajudava a esquecer e calar. Uma coisa é morrer de dor, outra coisa é morrer de vergonha. Por isso agora você pode me perguntar sobre tudo e a tudo posso responder. Nem sempre a gente tem o direito de fazer o que quer, mas a gente sempre tem o direito de não fazer o que não quer. Chora, meu guri, porque é mentira que homens não choram. Aqui choramos todos, gritamos, esperneamos, desesperamos, amaldiçoamos, porque é melhor chorar do que trair. É melhor chorar do que trair a si mesmo. Chore, meu filho, mas não esqueça. *Tradução livre - Luiz Carlos Fadel

[Hombre preso que mira a su hijo - Leia e ouça na voz de Benedetti](#)

[Releia o poema em espanhol entoado com a música de Pablo Milanés](#)

[E a versão em português e musicada \(nosso Canal Youtube\)](#)

Um dos maiores poetas uruguaios, perseguido em seu país pela ditadura fascista de extrema direita (que volta a se assanhar por nossas paragens).

Diretor do Depto. Literatura Hispano-americana na Universidade da República, sob o Golpe de Estado uruguio (1973), renunciou ao cargo, exilou-se na Argentina, depois Peru, onde foi detido e deportado, em 1976, para Cuba.

Voltou ao Uruguai em 1983 e morreu quando escrevia *Biografia para Encontrar-me* (inacabada).

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.